

AXÉ, CORPO E ALMAS:

CONCEPÇÃO DE SAÚDE E EQUILÍBRIO SEGUNDO O CANDOMBLÉ

REGINALDO PRANDI

Publicado em:

PRANDI, Reginaldo. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e doença segundo o candomblé. In: Paulo BLOISE. (org.). *Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade*. São Paulo, Editora Senac, 2011, v. 1, p. 277-294.

1

Diferentes religiões oferecem interpretações próprias sobre a saúde e a doença. Mesmo numa sociedade secularizada como a nossa, curadores, benzedeiros, padres milagreiros, pastores, pais-de-santo e tantos outros agentes de cura religiosa e mágica são figuras sempre presentes no horizonte de muitos que buscam remédio e soluções para os males do corpo e da alma.

Vou tratar do caso das religiões afro-brasileiras, mais especificamente do candomblé, religião de origem africana que conta com um riquíssimo arsenal de concepções e práticas rituais para lidar com o problema da doença e sua cura, além de outros transtornos que afetam o cotidiano de cada um, como a falta de dinheiro, de emprego, de amor e assim por diante.

Além de religião organizada, com seu próprio corpo de sacerdotes e seguidores, o candomblé também se caracteriza como agência de cura e solução desses problemas vários. O chefe do terreiro, isto é, o sacerdote do templo e da comunidade de culto, que pode ser uma mulher, a mãe-de-santo, ou um homem, o pai-de-santo, rotineiramente oferece consulta a qualquer pessoa, seja de que religião for, ou de nenhuma, que o procura em busca de solução para suas aflições. A consulta se realiza numa sessão de jogo de búzios, em que o sacerdote consulta os deuses e espíritos, ao que se seguem ritos de propiciação, purificação, limpeza etc, ou seja, o tratamento indicado para o caso.

A base da religião, e da agência de cura, é o oráculo: uma ponte com o mundo sobrenatural, fonte de conhecimento que propicia um jogo de perguntas de humanos e

respostas que supostamente veem do outro mundo, das divindades, dos espíritos. Os sacerdotes são os intermediários do oráculo e, portanto, somente eles podem lidar com esse conhecimento. Na base do oráculo do candomblé — que conhecemos pelo nome de jogo de búzios (Prandi, 1991) — está a concepção africana comum aos povos iorubás de tempo circular, a idéia de que tudo se repete, nada é novo. Se alguém tem um problema de saúde, por exemplo, o oráculo revela quando esse mesmo problema teria acontecido antes, em que situação se deu, o que foi feito para sanar o mal, qual a receita que se usou, se foi favorável, se deu certo. Se alguém tem, igualmente, um estado mental doente é preciso igualmente perguntar ao oráculo de onde vem essa desorganização. E como fazer para resolver o problema.

Os iorubás — em cuja cultura está a origem do candomblé que se constituiu no Brasil — acreditam que há várias fontes possíveis de um desarranjo da saúde. O mal pode ser provocado por um problema relacionado à própria natureza. Se alguém escorrega, cai e quebra a perna, e não há indício de que tenha havido outros fatores influenciando na queda, esta seria um problema estritamente natural, que se poderia solucionar por meios igualmente naturais. Mas a queda pode ter se dado em consequência de um feitiço! Nesse caso, a origem desse mal é a ação maléfica de uma outra pessoa. Mas a queda pode ainda ter uma origem divina, ou seja, algum deus descontente com os cuidados dirigidos ou devidos a ele pode ter sido responsável pelo chão liso que fez a pessoa escorregar, cair e quebrar a perna. Há ainda uma quarta possibilidade: tudo pode ser decorrente do próprio destino da vítima, de seu ego, digamos assim, de seu eu, de sua condição de indivíduo. Podia estar inscrito em sua vida que aquela pessoa quebraria a perna, e ela não tinha como escapar disso — era sua sina. Pode ser também que a pessoa quebrou a perna porque é desatenciosa, o que também se explica por sua condição de indivíduo: não olha por onde anda, tropeçou, caiu e quebrou a perna, tudo em razão de sua falta de atenção, o que revela um defeito de sua cabeça, seu intelecto, seu ori.

Em resumo, há causas originadas de nós mesmo, causas devidas a outros e que envolvem relações sociais, outras que se originam da vontade de um deus ou de um antepassado que se sentiu desprezado ou que reivindica algum direito sobre a pessoa, e ainda as que se encontram na natureza. É através do oráculo que o sacerdote identifica a causa do mal e prescreve os remédios necessários, ou para curar, ou pra evitar que a mesma coisa aconteça novamente. Em geral o tratamento no candomblé de qualquer

mal, inclusive a doença física e mental, se baseia na idéia de que alguma coisa está desorganizada e propicia a situação de dor e sofrimento. Pode ser algum transtorno na relação entre a pessoa e a natureza, entre a pessoa e as divindades, nas relações com o outro, na maneira de formular e conduzir os rituais etc. Todo tratamento implica a idéia de reequilíbrio de forças e energias.

Essa concepção se junta à idéia de que tudo é muito instável, o mundo em que vivemos é difícil e perigoso, e que portanto é preciso, para se viver bem, estar atento o tempo todo para manter o equilíbrio, o que é buscado por meio da manipulação de uma força mágica, uma energia religiosa, que é o axé. Axé é energia vital. Tudo que se movimenta tem axé, os animais e as plantas. Axé é uma força universal que vale para qualquer coisa, para qualquer tipo de vida ou movimento. O axé que existe em nós é o mesmo axé que existe nos animais e nos vegetais.

O axé existe no mundo e em cada um em diferentes quantidades. Axé demais ou axé de menos significa desequilíbrio, mal-estar, insucesso, doença. É preciso encontrar um meio de reequilibrar o axé para se voltar ao estado desejável de saúde e bem-estar.

Um modo de restabelecer o equilíbrio através da recomposição do axé de um ser humano é transferir para ele o axé que existe no mundo animal e no mundo vegetal, isto é, na natureza. Algumas fontes de axé são muito conhecidas e mais usadas. A fonte com maior concentração de axé é o sangue animal; outra fonte importante é a seiva das plantas. Sangue e seiva são fontes de axé que os sacerdotes costuma usar com mais frequência em benefício dos humanos.

Na África tradicional, entre os iorubás, há duas correntes básicas e antagônicas de manipulação do axé. Uma considera que o axé mais acessível, mais importante e mais desejável é o do mundo animal e prescreve a prática do sacrifício animal. O sacerdote que prescreve o sacrifício é o babalaô, ou adivinho. A palavra babalaô significa literalmente o pai do segredo. Ele é o encarregado do oráculo por meio do qual prescreve qual é o sacrifício correto para restabelecer a saúde em cada situação. Por outro lado, há os sacerdotes que defendem o princípio de que o axé mais acessível, mais prático, mais poderoso, mais imediato vem do mundo vegetal. Trata-se do babalossaim, o pai das folhas, sacerdote de Ossaim, que trabalha com folhas, raízes, sementes, com que prepara pomadas, unguentos, e outros remédios preparados com vegetais mágicos, sem fazer uso do sacrifício de animais.

No Brasil, talvez por influência indígena, os babalossains passaram a usar os banhos, banhos de folhas, o que não era um costume africano. Hoje se pensa que os banhos de folhas, banhos de cheiro, banhos de limpeza e descarrego, muito usados no candomblé e na umbanda, teriam uma origem africana.

Também existe o axé do mundo mineral, sobretudo quando se trata de materiais que têm as cores branco, azul e vermelho.

Para se reconduzir um doente ao estado de saúde desejado, é indispensável saber como manipular essas forças que estão no mundo à nossa disposição. Isso exige um longo aprendizado iniciático.

No Brasil os diferentes sacerdócios do babalaô e do babalossaim foram unificados na figura da mãe-de-santo ou do pai-de-santo. Na instituição da religião dos orixás em território brasileiro, houve algumas simplificações e adaptações nos ritos, nas concepções de mundo e na própria organização sacerdotal. Os antigos babalaôs e olossains praticamente desapareceram e sua ciência foi assumida pela ialorixá, a mãe-de-santo, que também passou a responder pelo oráculo, que ela opera por meio do jogo de búzios.

2

Se é verdade que o mal-estar tem diferentes fontes, uma outra pergunta que se faz é o que está doente na pessoa: o corpo ou a alma? Aqui temos uma pequena complicação: enquanto na tradição judaico-cristã a alma é única e indivisível, na concepção africana do candomblé há diferentes almas, que juntas compõem aquilo que a gente costuma chamar de “a” alma, o espírito.

Segundo o candomblé, a pessoa é portanto formada pelo corpo (ara) e por uma parte espiritual, ou almas, que têm vários componentes. Uma primeira alma é a que nos liga ao mundo mais geral, que é o mundo da natureza. Por exemplo, a alma de uma pessoa pode ter uma relação específica com a natureza que a identifica com o mar, se acredita que essa pessoa se origina do mar, é filha do mar; eu posso ter ao lado alguém que se origina do rio e mais uma outra que é proveniente da chuva. Outro virá das pedras, há gente que vem do trovão, do raio. Essa alma geral, que relaciona as pessoas a diferentes forças da natureza é chamada de orixá. Acredita-se no candomblé que cada um de nós vem de um orixá diferente. Muito diferente da idéia judaico-cristão de que

todos nós temos uma mesma origem e de que todos nós somos filhos de Deus único, descendentes diretos do primeiro casal, Adão e Eva. O orixá não é único nem é o mesmo em cada pessoa. Somos, segundo o candomblé, uma diversidade desde nossa própria origem. Nossa primeira relação com o mundo é com o seu aspecto físico, seu aspecto bruto, seu aspecto não-social, que varia de pessoa para pessoa..

Nascemos como descendente de um determinado orixá e isso não pode ser mudado. Na África cada família cultua o orixá da qual ela crê ser descendente. Todos os membros de uma família tem um mesmo orixá: Ogum, Iansã, Obatalá, Iemanjá, Oxóssi e assim por diante. A definição do orixá se dá por uma linha patrilinear, quer dizer, o pai passa para os seus filhos e filhas o seu orixá. O mesmo orixá que foi do pai dele, do pai do pai dele, até a mais remota e mitológica época da fundação daquele tronco familiar. Na África iorubana, todo mundo sabe qual é o seu orixá; basta saber a que família pertence. E essa questão do orixá tem muito a ver com a própria inserção daquela família na sociedade. As famílias tradicionais de caçadores têm como orixá Oxóssi, que é um caçador e patrono de todos os caçadores. Famílias de pescadores costumam ter Iemanjá ou Oxum ou qualquer outro orixá que seja um orixá de do rio. Famílias de soldados estão ligadas a Ogum. Famílias ligadas ao poder real são descendentes de Xangô. Claro que há variações, pois as famílias ganham e perdem poder e podem assumir ao longo de gerações papéis diferentes na divisão do trabalho. Alguém pode ser de uma família de um orixá muito dócil, num dado momento histórico, e depois estar encarregada de fazer a guerra.

No Brasil, a primeira coisa que o escravismo fez foi destruir os laços de parentesco africanos. Os escravos eram caçados e separados de suas famílias, eram vendidos individualmente, não havia destinação nem venda de agregados familiares. O escravo era vendido como uma mercadoria e era imediatamente batizado, recebia a religião católica e o sobrenome do seu dono, do seu senhor. Mais adiante, nos séculos XVIII e XIX já havia famílias de escravos que conservavam as relações de parentesco, mas já eram famílias constituídas no Brasil. Em geral os escravos não sabiam qual era sua origem familiar e, por conseguinte, acabaram esquecendo quem era seu orixá. Mas como saber agora qual é o orixá de uma pessoa, orixá que é sua alma primordial, se não dá pra reconstituir a família original africana?

No Brasil cabe a mãe-de-santo, por meio do jogo de búzios, atribuir a cada um uma origem mítica, dizendo se é um filho de Xangô, uma filha de Iemanjá e assim por

diante — numa emblemática adaptação da religião em solo americano. Essa é a primeira tentativa de restabelecer o equilíbrio entre o modo de ser daquela pessoa e sua verdadeira essência, que não pode ser contrariada, seu orixá. Por exemplo, uma mulher vaidosa, rechonchuda, namoradeira, muito apegada aos ouros, muito cheia das vaidades, provavelmente tem como origem o orixá Oxum que é o orixá da beleza, da riqueza, da vaidade, do amor. Assumir que se trata de uma filha de Oxum é uma primeira identificação que legitima o seu modo de ser e de agir. Cada à mãe-de-santo estabelecer essa definição. A mãe de santo é uma espécie de “psicóloga” do povo, como se diz, e uma vez identificado o orixá de alguém ela legitima religiosamente seu comportamento e aparência, ou então lhe oferece um modelo de conduta — cujos estereótipos se baseiam na mitologia dos orixás —, que o consulente pode tomar como orientação (Prandi, 1991).

Ocorrem situações interessantes. Alguém pode ter um orixá masculino ou feminino. Não há necessariamente correspondência entre o sexo do orixá e do seu filho ou filha, mas pode-se acreditar que o sexo do orixá interfere no sexo de seu filho. Há também o caso dos chamados orixás metá-metá, que são aqueles que não têm sexo definido. Oxalá não tem o sexo definido porque ele é a origem de tudo, é o maior, o primeiro, ele vem antes do sexo, logo ele tem os dois sexos. Outros orixás de sexo duplo ou indefinido são Logum Edé e Oxumarê. No Brasil há quem acredite que filhos de Logum Edé e Oxumarê costumam ser homossexuais.

Como cada orixá rege um aspecto da natureza, as pessoas de Iemanjá estão ligadas ao mar, as pessoas de Oxum estão ligadas à água doce, as pessoas de Xangô ao trovão, as de Oxóssi à vegetação, e assim por diante.

Já na África esses orixás passaram por um processo de personalização: além de estarem associados a forças da natureza, eles também estão ligados a certos aspectos biológicos ou sociais. Então Iemanjá também é a senhora da maternidade, ela é que cuida das crianças, cria as crianças, toma conta das famílias. Consequentemente, uma filha de Iemanjá costuma ter os seios grandes, são seios que alimentam, que amamentam. Ela costuma ter barriga grande por causa das inúmeras gravidezes; ela fala demais porque a mãe passa o tempo todo gritando com as crianças; ela se preocupa mais com os filhos do que com o marido, por razões óbvias. Então tudo isso vai compondo aquilo que nós chamamos de estereótipos, que estão fundados nos mitos. Porque cada

um tem um aspecto que é ligado à natureza e outro aspecto que é ligado a uma certa divisão do mundo social.

Mas essa é uma das almas e não é suficiente para definir uma pessoa, uma segunda alma é o que se chama de egum. O egum na verdade é o espírito reencarnado. Os iorubás assim como os adeptos do candomblé acreditam que os mortos, depois de certo tempo, renascem, reencarnam numa outra vida. Mas não é a pessoa inteira que renasce, senão seria tudo igual. O que renasce é uma alma específica, que é o egum, é aquilo que chamamos de antepassado, o que permanece sempre. O egum na África sempre nasce na mesma família, as famílias são enormes, o homem tem várias esposas, as famílias são complexas e compostas. E é nessa família complexa que se dá a reencarnação. O egum é a continuidade da família, o egum marca a eternidade de uma identidade familiar. Portanto o egum é a referência familiar que também podemos chamar de referência social, enquanto o orixá é a referência à natureza. Então nós temos uma dimensão que é a natureza e uma segunda dimensão que é a família e a sociedade.

O egum permanece num outro plano enquanto espera o momento certo de reencarnar, depois ele vira outra pessoa. Existe uma condição para o egum reencarnar. Eles estão no Orum, Orum é o mundo espiritual, e o Orum é muito chato porque lá não tem comida, não tem bebida, não tem música e não tem sexo. O egum não gosta de estar ali e precisa renascer. Condenar um egum a uma vida eterna no Orum é uma coisa terrível. A pior coisa que pode acontecer a alguém é morrer e não reencarnar, pois o bom é viver neste mundo.

Para o egum reencarnar há uma condição: ele não pode ser esquecido pela sua família. Se ele for esquecido, não pode voltar. A maior preocupação de uma pessoa é ter uma família numerosa, de tal modo que depois de morto ele seja reverenciado por muita gente o tempo todo. Os eguns recebem o mesmo tratamento que os vivos, eles são parte da família, recebem comida, roupa etc. Para receber tudo isso, precisa ter uma família grande, uma família que tenha recursos. Se você morre jovem, está condenado ao esquecimento, porque você não deixa descendentes para cuidar da sua transição. Por isso os homens se casam com o maior número de mulheres e têm o maior número de filhos, pois a família grande é a base da memória.

A pior coisa que podia existir para um africano tradicional é perder sua origem, não saber quem é. Porque quem não sabe quem é, perde sua família e quando morrer se transforma num espírito que não pode renascer. Transforma-se também num espírito

atormentado que vive rondando a Terra e os vivos, desejosos de partilhar sua condição. São eguns perdidos de quem os humanos evitam ritualmente a aproximação, usando uma espécie de talismã para os afastar: s chamads contra-egum, um trançado de palhada-costa amarrado nos braços.

Por isso, que quando começou o tráfico de escravos, os africanos adotam como prática fazer marcas rituais no rosto, marcas chamadas de aberês, que são tatuagens feitas com uma agulha, que identifica a aldeia a que pertence. Então se ele é preso e é vendido e depois por uma razão ou outra consegue retornar à África, ele sabe para onde voltar, sabe o lugar de onde veio. Naquele tempo não tinha carteira de identidade ou certidão de nascimento, então essas marcas eram feitas no rosto. Depois, o candomblé houve uma adaptação: oe era uma marca de identidade de origem familiar passou a ser uma marca de origem religiosa; cada terreiro tem um tipo diferente de tatuagem que é feita a navalha e tratada com pós cicatrizantes. Preserva-se a idéia de que você tem que saber quem é, senão não reencarna.

3

Mas não somos somente natureza e sociedade, nós somos também indivíduos. Existe uma terceira alma igualmente importante e que se chama ori. Ori é aquilo que temos dentro da cabeça, um conteúdo espiritual que existe acomodado no cérebro. A gente traduz ori por cabeça mesmo e a cabeça é aquilo que contém todas as definições que são do indivíduo. Ou seja, do orixá você herda certas tendências marcantes em termos de comportamento. Mais um exemplo: se eu sou de Oxalá como Oxalá é pai e é também o elemento ar, minha tendência é ser paternalista, autoritário, mas também criativo um pouco devagar, fácil de ser enganado porque Oxalá foi enganado pelo irmão dele, Odudua, durante o episódio da Criação (Prandi, 2001). Ao mesmo tempo, digamos, eu sou a reencarnação de um bisaavô que era um ótimo comerciante, mas conhecido por ser mulherengo, então eu também tenho algo dele. Além disso tudo, tenho que ter um componente que é estritamente meu, só meu, que é o meu ori, minha cabeça, que define minha individualidade e meu destino.

Em termos de sobrevivência dessas almas, quando a pessoa morre seu orixá não desaparece, mas volta a se reunir ao orixá geral, a força que está na natureza e que é eterna. Quando eu morro a minha parte egum vai para o Orum aguardar seu tempo de

reencarnação. Mas o meu ori não. O meu ori nasce comigo e morre comigo, é a parte da alma que é mortal, mas é uma parte decisiva porque é o ori que contém o meu destino, as minhas predileções e tudo aquilo que é estritamente característico da minha personalidade. Não dá para dizer que o ori é a personalidade porque haverá influências de todos das outras almas, influência que se complica porque além do primeiro orixá você tem o segundo que é o orixá que se herda da mãe.

O maior problema na construção da pessoa é que deve existir, antes de mais nada, uma integração entre as três almas. Nós sabemos que o ori pode ser completamente conflituoso com o orixá da mesma pessoa. Se alguém tem um orixá tranqüilo e um ori impetuoso, isso já vira uma grande confusão. Se tem um egum que é muito sábio e um ori pouco inteligente, isso vai se complicar bastante.

Esses são os diferentes componentes da pessoa. Se eles estão desorganizados, a pessoa viverá em permanente conflito. O conflito é uma fonte muito importante de perda de axé, é uma fonte de desequilíbrio. Apenas através do cuidado ritual essas almas podem ser integradas, tratando cada uma delas de acordo com certos ritos.

O desequilíbrio espiritual pode provocar também males físicos. Por exemplo, uma pessoa desequilibrada, que tenha um ori desequilibrado, em contradição com o seu orixá, em contradição com o egum, pode desenvolver uma dor de cabeça, pode sofrer desmaios, crises de perda de memória, pode até desenvolver um câncer no cérebro e tudo mais. Então, uma preocupação importante, antes mesmo de se preocupar com o egum e com o orixá, é dar atenção ao ori.

Quando uma pessoa se aproxima do candomblé, deve passar por um processo longo de iniciação, parte do que se chama de processo de formação da pessoa, ou constituição da pessoa. Trata-se de organizar suas almas de tal modo que a pessoa seja um todo equilibrado, coerente e por conseguinte saudável e feliz.

A primeira cerimônia de iniciação do candomblé é destinada ao ori. Antes de tudo, deve-se fazer uma boa limpeza, porque o corpo da pessoa carrega muito axé negativo, muita energia negativa, contraída, por exemplo, em determinados lugares que devem ser evitados, como os cemitérios, lugares onde há gente chorando, gente

sofrendo, com energia ruim solta por ali. A primeira coisa a fazer são os banhos de purificação, devendo-se a seguir jogar a roupa velha fora e usar uma roupa nova, limpa, cheirosa. Isso tudo é preliminar.

No início processo ritual de construção da pessoa, deve-se instalar um altar para representar sua cabeça, e sua cabeça ganha status de divindade e passa a partir daí a ser cultuada. Junto ao altar do ori são feitas oferendas para sua cabeça. Toda idéia de restituição de força passa pela idéia de comida, de bebida. Essas religiões são religiões de povos que não conheciam a abundância. A fome era uma ameaçada permanente. O ato mais importante da vida era comer! Então, a base do culto é a oferta de comida.

A cerimônia de culto à cabeça se chama bori. Bori vem de ebó mais ori. Ebó significa oferenda e ori, cabeça. Portanto bori significa oferenda à cabeça. Para que tenhamos uma boa cabeça é preciso agradá-la, dar-lhe a mesma atenção que consagramos aos deuses e antepassados.

Durante o bori, você vai ficar no terreiro, onde deve tomar muitos banhos, vai usar roupa branca, vai ficar alguns dias deitado num espaço limpo, tranquilo e silencioso. Não deverá se preocupar com nada, não terá notícias do mundo exterior. Não vai se relacionar com pessoas da sua família. Vai ficar completamente isolado, sendo atendido unicamente por sacerdotes do terreiro. E vai comer comidas santificadas, vai tomar banho com ervas santificadas e assim por diante.

A pessoa que passa pelo bori fica deitada numa esteira, tendo junto à cabeça seu altar pessoal — montado com uma tigela e uma quartinha e outros objetos simbólicos — a representação material da individualidade agora divinizada. Em volta da representação da sua cabeça são colocadas as comidas de que o ori gosta. A cabeça tem seu paladar, gosta de certas coisas e não gosta de outras. A mãe-de-santo tem que saber do que o ori gosta, tem que saber a fórmula certa.

Essa primeira cerimônia do bori é a forma de se restabelecer o equilíbrio da pessoa consigo mesma. Só depois que esse equilíbrio está garantido é que se vai partir para uma segunda etapa das oferendas, agora para a parte egum da pessoa.

Passa-se mais um tempo, a mãe de santo continua jogando os búzios, continua a examinar o que acontece, observar, até estar segura de que é hora de cuidar do orixá. É chegado o momento de vai fazer a cabeça do iniciado. Sua vai raspar a cabeça será

raspada, ela vai fazer o santo, vai raspar para o santo. É o momento de integração completa das três almas.

Há dois tipos de pessoas: as pessoas que podem ceder seu corpo ao orixá nas sessões de dança, portanto recebem os orixás, e as que não têm essa capacidade, e que vão se dedicar a outras atividades do culto.

Normalmente associamos a feitura de santo à a idéia de transe, entrar em transe. De fato, a feitura se destina a preparar a pessoa para o transe do orixá, mas aqui não é isso o que mais importa. O importante é integrar a sua alma orixá com a alma egum e a alma ori, começando sempre pelo ori. Deve-se ter um ori bem assentado, bem integrado antes de mais nada. Um ditado diz: Ori ruim, orixá pior.

O ori é individual, contém o destino e ele contém também a individualidade. Diz um mito que o ori de cada um é escolhido pela própria pessoa, uma pessoa ao nascer escolhe o ori com que quer nascer (Prandi, 2001). Diz a mitologia que quando Oxalá criou o homem, ele teve muitas dificuldades. Ele tentou fazer o homem de ar, mas o homem evaporou; tentou fazer de água, mas o homem escorria pelos vãos dos dedos da mão de Oxalá; tentou fazer de madeira, mas o homem ficou duro e não andava; tentou fazer de ferro, mas o homem ficou muito pesado. Oxalá ficou muito desanimado e já quase desistia, quando sua irmã Nanã perguntou porque não fazer de lama, do qual ela mesma era feita. Então ele fez o homem de lama e funcionou, só que esse homem era um tonto, um bobo, não fazia nada, nem sexo, porque Oxalá esqueceu de fazer a cabeça. Oxalá, desiludido, foi se queixar com o adivinho Ifá, que disse que o homem estava bem feito, forte, mas que precisava de uma cabeça. Oxalá, que já estava muito cansado, e era um pouco preguiçoso, foi falar com outro irmão dele, o oleiro Ajalá. O irmão se prontificou a fazer as cabeças dos homens. Oxalá faria o homem e antes de ele ir ao mundo, antes de nascer, ele passaria na casa de Ajalá para pega uma cabeça. E assim acontece Então quem escolhe é o homem sem cabeça. O que quer dizer que apesar de sermos responsáveis pela nossa escolha, ela é uma escolha no escuro. A partir daí Ajalá passou a ser o fabricante das cabeças, dos oris. Cada um que vai nascer passa na casa de Ajalá e pega uma cabeça, põe a cabeça e está pronto para nascer. Só que o Ajalá ficou farto de tanto fazer cabeças. Cada vez nasce mais gente, e ele tem que preparar o barro, amassar o barro, modelar a cabeça, assar no forno. O processo é complicado e lento, e Ajalá, para se distrair um pouco, começou a beber. Às vezes ele fica bêbado, e quando

isso acontece o barro fica mal amassado, o ori não sai bem modelado. Quando vai assar no forno, ele deixa passar do ponto, o ori fica cozido demais, ou cozido de menos.

Cada um de nós, ao nascer, vai à casa de Ajalá e escolhe para si uma cabeça. Mas as pessoas têm muita pressa de nascer, porque sabe que aqui no mundo pode ter tudo de bom. Sem pensar muito, quem vai nascer pega a primeira cabeça que vê na frente, às vezes escolhe mal, e nasce com essa cabeça. Se acontecer de pegar uma cabeça ruim, vai nascer uma pessoa muito problemática, com muitos defeitos: pode ser aquele que faz tudo atrapalhado, que tem fraca inteligência, ou que acabar mal errado e, muito frequentemente, leva a crises de depressão e até loucura. Os males podem se manifestar em desmaios, perda de consciência e moléstias físicas. Evidentemente, uma pessoa que nasce assim vai dar muito mais trabalho nesse processo de integração consigo mesma, dependendo de um ritual mais demorado e mais complicado. E alguns casos, nem conseguem passar para a etapa seguinte. Cabe à mãe-de-santo descobrir a melhor forma de tratar uma cabeça ruim, e ela sabe que qualquer tratamento será paliativo, não há como trocar uma cabeça ruim por uma boa. Cada um nasce com a cabeça que escolheu. A culpa não é do orixá, mas da própria pessoa. O bori, assim, também é visto como um tipo de tratamento para qualquer pessoa com problemas mentais, dificuldades de relacionamento etc.

O candomblé tem seus filhos-de-santo, os iniciados que obrigatoriamente passam por essas etapas de construção da pessoa, mas é uma religião que também atende seus clientes, as pessoas que vão ao terreiro em busca de solução de problemas, sem que necessariamente crie vínculos religiosos com o candomblé. O cliente paga pelos serviços da mãe-de-santo e só volta quando achar que deve. Não é raro o cliente ser encaminhado ao pai-de-santo por um médico, um psicólogo ou outro agente de saúde que não consegue encontrar na ciência um tratamento que funcione. Quando o psicoterapeuta não dá conta, ele manda o paciente para um pai-de-santo para fazer um bori. Isso é comum. Acredita-se que o fato de o paciente passar por um procedimento culturalmente tão diverso, tão inusitado, tão cheio de detalhes e de mistérios, acaba lhe fazendo bem. Basta lembrar que a pessoa que está passando pelo bori se transforma no centro de toda atividade do terreiro. Porque o ori não recebe apenas comida e bebida, mas também dança, música e sobretudo atenção. As pessoas cantam horas e horas para o ori, cantam e dançam. Depois, a comida servida ao ori é repartida entre as pessoas que estão no terreiro naquele momento. É o ori da pessoa que está oferecendo uma

cerimônia de conagração, uma comunhão. Não é a pessoa mas o seu ori: a pessoa é o todo, e a parte que está sendo festejada é o ori.

Nos ritos funerários, que são igualmente complexos, a primeira coisa a ser feita é a destruição do altar da cabeça, o chamado ibá-ori. Enquanto a pessoa é viva, seu ibá-ori fica guardado no terreiro juntamente com o ibá-orixá, o altar em que está assentado o orixá da pessoa. As oferendas são feitas junto a esses altares. pelo menos uma vez por ano a pessoa é recolhida e permanece deitada junto a seus ibás, que recebem oferendas.

Todo iniciado tem o seu orixá e, uma vez que tenha passado pelos ritos de iniciação, terá seu altar para cuidar. Os orixás femininos são assentados, são instalados, em terrinas ou tigelas de louça branca. O orixá Oxalá é assentado numa sopeira de porcelana branca, indicador de sua superioridade hierárquica. Os orixás masculinos, como são mais rústicos — acredita-se que a masculinidade é mais rústica do que a feminilidade —, são assentados em tigelas de barro de um tipo que se usava nas cozinhas coloniais, os alguidares. Os assentamentos dos orixás masculinos são feitos de barro e são abertos; os dos orixás femininos são de louça e fechados. O assentamento de Xangô, excepcionalmente, é feito numa gamela. Diz o mito que Xangô, ao experimentar o uso do fogo como arma de guerra, para ganhar mais poder, sem querer botou fogo na cidade de que era rei. Por causa disso ele foi castigado a comer junto com os animais nos coxos, nos chiqueiros com os porcos, então ele come num recipiente feito de madeira, não pode comer em sopeiras ou recipientes mais finos.

As ideias que se aplicam aos iniciados, os filhos-de-santo, aplicam-se igualmente aos clientes — todos são seres humanos igualmente constituídos. Quando a mãe-de-santo atende a um cliente que padece de tristeza, desânimo, depressão, ela precisa saber, como vimos, de onde vem o mal-estar. Se a origem é o ori, o mal é permanente, e o que se pode fazer é minorar seus efeitos, o cliente pode alcançar uma melhoria através de oferendas à sua cabeça. Se o mal decorre da cobrança de um egum, um antepassado, ou do orixá da pessoa, o que é mais comum, é preciso fazer oferendas a ele. Mas pode ser que tudo tenha sido provocado por um vírus que deixou a pessoa debilitada e deprimida, e o remédio virá da farmácia, por meio de uma prescrição médica. Se for por causa de um feitiço, é preciso combater esse feitiço e para isso saber como foi feito, por quem, por quê. À mãe-de-santo cabe descobrir o que se passa. A ideia é sempre é essa: ao estudar a pessoa humana, a mãe de santo é obrigada a decompor essa pessoa em partes,

em partes que vão do indivíduo ao mundo geral da natureza. E fazer o diagnóstico, fazendo valer sua experiência oracular.

O candomblé também ensina que cada um deve se precaver contra os maus espíritos e energias negativas, usando patuás, banhos, pulseiras, colares, tudo isso devidamente preparado como se fossem ferramentas de proteção. É necessário criar as condições rituais que fortalecem o axé. Axé fraco é desequilíbrio, integração precária do todo, condição favorável à instalação do mal.

Se a mãe de santo descobre que a doença vem do orixá, não tem jeito, é preciso fazer o santo, ser iniciado. Haverá expedientes para se evitar a iniciação, caso a pessoa não queira ou não possa se iniciar como filha-de-santo. Poderá por exemplo, agradar seu orixá descontente patrocinando financeiramente a iniciação em seu lugar de outra pessoa filha de seu orixá e que não disponha de meios para bancar sua própria iniciação. Ou contribuir para as festas de seu orixá, ou assumir obrigações de ajuda não religiosa ao terreiro.

No caso de uma mal que depende do ori, como vimos, oferendas regulares podem atenuar o sofrimento. Se for feitiço, se resolve com outro feitiço, com pequenas oferendas, pequenos agrados que se dá em troca de favores dos orixás. Há várias formas de se tratar o mal, mas o importante é descobrir, antes de mais nada, a origem, a causa, de onde aquilo vem.

5

No candomblé se cultiva a idéia de que a vida é sempre um aprendizado e que, na medida em que se vai vivendo e conhecendo o mundo, passando pelos ritos de construção da pessoa, vai se ficando cada vez forte, cada vez mais preparado para não cair nas armadilhas que o mundo oferece a cada instante. Uma longa vida bem vivida é sinônimo de sabedoria, é axé acrescentado, é força. Com sabedoria se aprende a enfrentar o mundo com segurança e com certo afastamento, porque o mundo, apesar de maravilhoso, trazer satisfação e felicidade, é muito brincalhão: o mundo gosta de ver as pessoas sofrerem, o mundo se diverte muito quando alguém escorrega e cai no chão! Por isso é fundamental tratar o mundo com uma certa distância, e são os velhos que melhor sabem disso. Só os velhos têm o saber que vem por último na vida; o primeiro saber que se adquire é o saber de fazer filhos, o saber do sexo, que é o saber mais alegre,

que deixa a pessoa se meter em mil encrencas, mas que, por outro lado, garante a eternidade. Porque sem filhos não há família grande e sem família não há como se preservar a memória. Sem memória não tem reencarnação, sem reencarnação não tem vida eterna.

O primeiro saber, o de fazer filho, começa mais cedo nas mulheres, depois nos meninos, é o saber mais alegre. Os saberes vão mudando de categoria e o mais profundo deles é o saber da velhice, o saber que ensina a desprezar a dor, a rir da dor. Somente com a idade e todo o aprendizado da vida é que se aprende a conviver com a dor, sem deixar que a dor tome conta da pessoa. O problema é que esses saberes não podem ser ensinados. Um velho não pode ensinar a um jovem como superar a dor, pois isso depende da experiência pessoal. É muito presente a idéia de que não se pode passar adiante a experiência que não se viveu. Ninguém pode querer ensinar aquilo que um dia não o afetou diretamente. Isso vem de uma cultura que não conhecia a escrita nem a escola, em que o conhecimento era adquirido pela vivência. Os mais jovens aprendiam com os mais velhos não pela pergunta e pela resposta, mas sim pela imitação. No candomblé, como na cultura ioruba que o originou, é considerado um grande atrevimento um jovem perguntar para um mais velho o porquê das coisas. O jovem terá a explicação no momento adequado.

Sobre tudo isso, é claro que estamos falando em termos gerais, como se descrevêssemos um modelo assentado num tipo ideal. Na realidade, podem ser observadas muitas variações deste para aquele terreiro de candomblé, de acordo com as inúmeras influências que um e outro podem receber de outras instituições religiosas ou não. Mas se preserva o modelo primordial que dá conta das diferentes origens do mal e dos meios para o afastar.

Em suma, a construção do espírito decorre da contribuição de três almas. A primeira está referida ao mundo geral, a segunda, ao mundo social e a terceira, à própria individualidade. O equilíbrio, a saúde e a felicidade da pessoa dependem da integração dessas três partes. A existência dessas três partes de forma desintegrada provoca perda de axé, que leva a situações de dor, de sofrimento, de todo tipo de mal que podemos imaginar. Por exemplo, a dor provocada pela ocorrência de pesadelos ou pensamentos paranóicos. Mesmo quando essas partes estão em harmonia, existe uma coisa chamada mundo. O rio não é sempre igual, tem trechos de calmaria e tem trechos de corredeiras. O mar não é sempre o mesmo, o mar tem marés altas e marés baixas, momentos de

grandes ondas e momentos de calma. Do mesmo modo, nosso equilíbrio está o tempo todo ameaçado pela nossa constituição frágil, que depende de vontades e favores divinos, que padece da nossa condição mortal de portadores de cabeças que não podem ser consertadas definitivamente. Num dia de céu limpo, azul, de repente podem se formar nuvens, raios, tempestades. Assim acontece conosco também conosco, os humanos. Porque nossa origem primordial é a natureza, o orixá. As dificuldades, percalços e instabilidades da vida é a marca do homem que nasce do ar, do trovão, da chuva, do mar, do rio, do arco-íris, do mato, do vento, da lama que a água desfaz. A religião — para os adeptos do candomblé — é um instrumento para se controlar, até onde é possível, as situações de imprevisibilidade, de desequilíbrio, de desconforto. Pois tudo isso leva ao sofrimento.

Referências bibliográficas

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec, 1991.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. das São Paulo, Companhia Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo, Companhia Letras, 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. 5ª. ed. Salvador, Corrupio, 1997.

SANTOS, Joana Elbein dos. *Os nágó e a morte: páde, àsésé e o culto égun na Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1976.